

□ **TENDÊNCIAS** 29 SET 1989

Os índices atropelam os juros

De susto em susto, o governo é forçado a procurar novos meios para frear a inflação

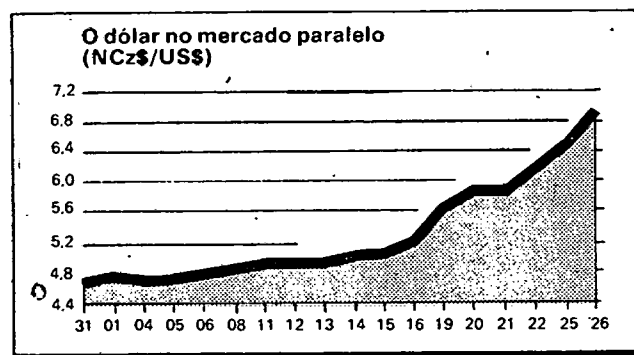
ROLF KUNTZ

Os brasileiros estão arriscados a conhecer a inflação mensal de 40% algumas semanas antes da eleição presidencial, se o governo tiver de frear o aumento geral de preços apenas com a política de juros altos. A inflação tem subido mais rapidamente do que se podia imaginar com algum otimismo ainda há um mês e meio. Cada novo indicador divulgado mostra a aceleração e o marco de 35% já é visto como algo familiar. Consequência: juros reais positivos em relação ao último índice podem ser vistos como negativos dentro de três ou quatro dias, quando circularem novas informações diretas ou indiretas a respeito dos preços. Isso aconteceu nas últimas duas semanas e a sucessão de sustos explica facilmente a explosão das cotações nos mercados especulativos (os preços do ouro e do dólar estão no quadro ao lado).

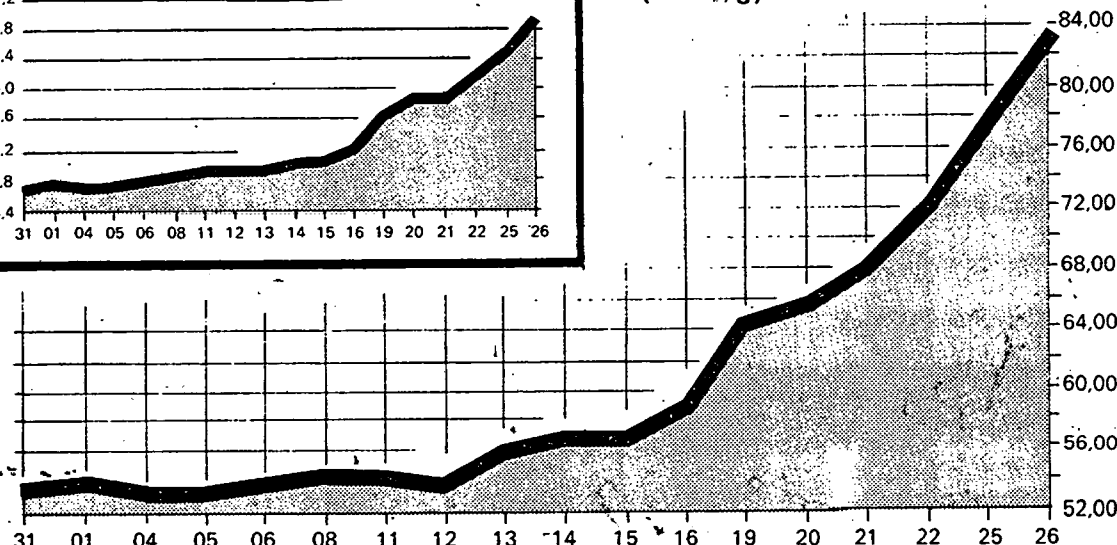
A acomodação dos mercados depois de cada abalo tende a ser cada vez menos duradoura. Ninguém pode dizer por quanto tempo os aplicadores de dinheiro verão os juros como suficientemente altos e quando ocorrerá o próximo tremor. Toda semana há informações pelo menos parciais a respeito da evo-

Especulação em alta

Evolução das cotações em setembro



Preço do ouro no mercado físico da BM&F (NCz\$/g)



lução dos índices de preços e qualquer sinal de aceleração pode, facilmente, desencadear nova onda de insegurança. O próprio BTN fiscal é um alarme sempre pronto para soar.

O horizonte da política econômica tende, paradoxalmente, a ficar cada vez mais longínquo, embora falem menos de 50 dias para a eleição. Ainda há pouco, chegar a 15 de novembro sem hiperinflação parecia um objetivo indesculpavelmente modesto. Seria necessário, afirmava-se, garantir a travessia até a posse, prevista para março. Agora, chegar

à eleição sem uma explosão incontrollável dos preços já parece bastante bom. Se isso for possível, haverá fôlego, provavelmente, para se alcançar o final da apuração do segundo turno, quando um acordo político poderá facilitar a transição.

Conseguir tudo isso apenas com a política atual seria forçar a abertura de um novo capítulo na análise econômica, mesmo porque falar em política, neste caso, é abusar das palavras. Para não ser atropelado pelos fatos, o Banco Central é simplesmente forçado a tentar correr à frente

do mercado, oferecendo juros atrativos e, agora, garantia explícita de recompra dos títulos públicos. Sua única esperança é prolongar o jogo até um fato político permitir a interrupção e um tempo de descanso. Esse fato pode ser um acordo entre governo e empresários, um acerto pós-eleitoral, um novo choque ou a chegada de D. Sebastião vestido de baiana. Simplesmente conter os preços e tarifas públicas pode trazer um alívio temporário, a um custo altíssimo, mas isso não basta, por si, para adiar por muito tempo a hiperinflação.